

Informe JB

As lágrimas da cidade

O Rio de Janeiro perdeu o Museu de Arte Moderna. Queimou-se o acervo da mais arrojada iniciativa tomada neste país no campo das artes plásticas.

Entre uma fagulha no meio da noite, falta de prevenção, demora no combate às chamas e uma cidade que dormia, ocorreu, no Rio, o maior desastre cultural da década, só superado na crônica das catástrofes recentes pelo aluvião que inundou Florença em 1966.

* * *

Havia no Museu um pequeno acervo, se comparado às grandes coleções de instituições internacionais. No entanto, houve na madrugada de ontem um desastre singular, no qual queimou-se tudo o que se guardava. Coisa semelhante não acontece no mundo, e a memória das catástrofes ensina que desde a década de 40 não há caso de museu comido pelo fogo.

* * *

Há no episódio muito de acidental, mas isso em nada diminui o impacto doloroso do incêndio. Num país onde a cada dia se noticiam e conhecem pequenos desastres culturais provocados pelo vandalismo e pela incuria, o incêndio do Museu é uma tragédia-apoteose, ainda que imponderável, de uma tendência para o desleixo.

Não se dá atenção àqueles que batem às portas de órgãos públicos ou de empresas privadas em busca de recursos para a preservação das obras de arte. Não se desenvolve uma política de enriquecimento dos acervos, e, ao mesmo tempo, poucos são os que se preocupam com a sua manutenção. Enfim, as sentinelas da cultura nacional são vistas, de uma maneira geral, como personalidades excêntricas.

* * *

Que se saiba desde já: o incêndio do Museu de Arte Moderna comprometerá a imagem cultural deste país por várias décadas. Passará muito tempo até que se possa devolver o Rio de Janeiro ao circuito das exposições de nível internacional. Com o que ocorreu, passou-se do calendário artístico para a lista dos recordes catástrofos.

Os museus saqueados pelo nazismo, bem como as igrejas européias atingidas por calamidades voltaram ao seu esplendor porque no dia seguinte à desgraça, em vez de se buscar planos mirabolantes que caem sempre no vazio, passou-se a dar ao belo mais atenção quotidiana.

* * *

Só um trabalho de milhares de pessoas em torno da cultura nacional poderá fazer com que, no esforço de cada dia, se consiga retornar a um estágio de civilização que se atingiu na década de 50, quando o Museu foi organizado. Essa posição cultural, infelizmente, esgarçou-se nas décadas seguintes, quando quadros e cultura passaram a ser objetos vulgares de projeção social e, nesse tipo de sociedade anômala, as chamas devoraram a única coleção de pintura moderna que podia projetar o nível cultural do país.

O Museu de Arte Moderna queimou porque era inevitável que um dos pobres museus brasileiros queimasse. Já a literatura, que não está sujeita a incêndios devastadores, está sujeita a censores tão sinistros quanto as labaredas.

* * *

Contemporânea